

A TIBIEZA

*Santo Antônio Maria Zaccaria
(1502 - 1539)*

2



Pe. Giuseppe M. Cagni

Giuseppe M. Cagni

A TIBIEZA

**Contribuição para o estudo
da ESPIRITUALIDADE
de Santo Antônio Maria Zaccaria**

**Padres e Irmãos Barnabitas
Rio de Janeiro 2019**

CAGNI Giuseppe M. A TIBIEZA, *Contribuições para o estudo da Espiritualidade de Santo Antônio Maria Zaccaria*. Tradução do original italiano *Contribuzioni allo studio della spiritualita di S. Antonio M. Zaccaria* por Maria Lúcia Pereira Karam. Rio de Janeiro 2017. Revisão Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP

ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA

A todos os Barnabitas, Angélicas,
Leigos de São Paulo e Juventude zaccariana

Agradecimentos especiais aos Noviços de 2018
Isaac Segovia e Willian Douglas Pereira de Oliveira
pela identificação dos textos do Fundador citados no livro de acordo
com a numeração dos parágrafos dos Escritos de SAMZ.

Capa: José Carlos da Silva Vieira
Pastoral dos coroinhas e PASCUM Loreto
Rio de Janeiro (RJ)

Esse livro teve várias fases, a saber:
2017 - Tradução do original
2018 - Montagem e revisão
2020 - Divulgação (ainda virtual)

APRESENTAÇÃO

Este livrinho é a tradução de mais uma conferência do Pe. Giuseppe Cagni, proferida na década de 1980, mas que, como outras obras do mesmo autor, não perdeu a atualidade para nós, Barnabitas e Angélicas e para os Leigos de todas as idades que se aproximam passo a passo da nossa vida e espiritualidade.

Qual o tema da conferência? Pe. Cagni falava sobre *‘a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza’* (10502).

Para dar certo a sua obra, o Fundador pretendia chegar ao mais profundo do coração humano (cf Carta 6 - 10602), isto é, mexer com a pessoa, a fim de que se voltasse com profunda humildade para Deus e para o próximo. Ele sabia que pessoas fervorosas (não túbias) eram e são capazes de transformar estruturas.

Por isso, leia essas páginas procurando colocar-se dentro do pensamento zaccariano. Isso vai ajudar você a tomar a decisão de se tornar aquilo que você ainda não é (cf 31802).

Vai aqui um sincero agradecimento aos Irmãos Isaac Segovia e Willian Douglas Pereira de Oliveira, que, ainda Noviços, tiveram como última tarefa do Noviciado (estávamos em dezembro de 2018), a de localizar e identificar, com os números que usamos nos Escritos, as várias citações do Fundador que o Pe. Cagni usou para autenticar o que estava dizendo com esta fonte santa da nossa Espiritualidade.

Só resta dizer: aproveite a leitura!

Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP
Rio de Janeiro, 27 de maio de 2020
123 anos da canonização de nosso Santo Fundador

SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA E A TIBIEZA

Na base de todas as Ordens religiosas há um “mistério de transparência”, que consiste em encarnar em si, para revelá-lo aos outros, um aspecto particular da essência divina, levando adiante este tácito testemunho por todo o período de existência que a Providência achar por bem conceder-lhes.

Até agora (1972), nós Barnabitas pouco temos nos preocupado em saber qual a perfeição divina que nossa Congregação foi chamada a revelar ao mundo. De todo modo, ela existe e nós deveríamos nos tornar conscientes dela, para não descumprir nossa vocação específica e não frustrar a própria razão de nossa existência enquanto instituição. De Barzaghi se disse: perfeito barnabita; de Gerdil e de Boffito: perfeitos barnabitas; de Semeria, de Vigorelli, de Castelnuovo: perfeitos barnabitas. Há, portanto, um quid que vai além da ciência, da virtude, da distinção e do apostolado popular, constituindo o barnabita. Conhecê-lo já seria poder realizá-lo melhor.

Que a isso nos introduza a própria palavra do Santo Fundador: *“Meu desejo foi sempre o de vê-lo progredir sem parar. E, se por acaso, ficar claro que você não está seguindo as minhas orientações, mesmo que se comportasse assim por ignorância, por falta de atenção e não por maldade, isso teria sido, para mim, como uma facada no coração”* (11002).

A frase é conhecida. Não só porque bastante eficaz, mas também porque retorna modulada em mil variações em todos os escritos zaccarianos. É sua palavra de ordem: “crescer”, “superar-se a cada momento”, continuamente aceitando a responsabilidade e a possibilidade de crescimento que cada instante da existência nos dá. Perceber em Zaccaria esse desejo de vida plena é perceber seu ódio à tibieza; é entender sua morte aos 36 anos, com todo aquele florescer de obras que a precederam; é entender o verdadeiro sentido do termo “reformador” por ele usado (isto é: “aquele que reconduz ao genuíno cristianismo”) e,

assim, compreender como a ação de nosso Santo, embora respondendo a uma necessidade histórica contingencial, criou na Igreja uma obra duradoura.

Com o compreensível afeto de filhos, mas com a objetividade essencial aos estudos históricos, dispomo-nos a reconstruir o pensamento e a obra do Santo Fundador nesse ponto tão importante de sua espiritualidade.

Por exigências de ordenamento, a exposição será dividida em duas seções: aspecto teórico e aspecto prático. São termos equívocos, pois em Zaccaria tudo é dinâmico e fundido em uma unidade de forças muito simples. Mas, que a maior clareza compense a menor exatidão.

ASPECTO TEÓRICO

PORQUE A TIBIEZA DEVE SER BANIDA

A voz do tempo

Como em toda época de transição, o século XVI também sofreu grande tormento interior, devido ao surgimento de uma nova mentalidade que, não obtendo êxito em suplantar imediatamente a anterior, depositou-se sobre ela e, em muitos aspectos, pactuou com ela.

Aqui interessa apenas chamar a atenção para um ponto. O mundo medieval impregnara de cristianismo cada aspecto da vida humana. Enquanto tal situação permanecia inquestionada, a vida respirava espontânea e saudavelmente; mas, quando novos gostos secularizados reduziram ou aboliram a oportunidade daquela orientação, o cristianismo tornou-se, para muitos, puro formalismo do qual só uns poucos conseguiam se desprender, a maioria se deixando arrastar por ele sem muitas preocupações com a coerência.

Todos recordam a diatribe de Frei Batista de Crema contra o “cristianismo vão” do século XVI, que exigia escrupulosamente a observância de pequenas prescrições externas e fechava os olhos para violações às mais sérias prescrições internas da lei evangélica. Todos recordam sua flagelante ironia contra a ignorância das massas, a soberba dos ricos, a estupidez dos nobres, a infantilidade daqueles que reduziam a assistência à Santa Missa a um tolo exibicionismo de roupas preciosas, livros miniatura em primeira edição e com iluminuras, “tantos símbolos e muitos outros ornamentos”, “pequenas coroas de diversas cores”, “tantas bolsas finamente trabalhadas”, “como se – continua Frei Batista – o dinheiro não quisesse ficar em bolsas que não fossem finamente trabalhadas!” (BATTISTA CARIONI DA CREMA, *Specchio interiore*, Veneza 1544, p. 24 ss.)

À superficialidade dos leigos, que faziam o cristianismo consistir no cumprimento material de algumas cerimônias externas, correspondia a espantosa decadência do clero, sobre o qual Serafino de Fermo

(o amigo íntimo de Zaccaria) assim escrevia: “Quem sejam, hoje em dia, aqueles designados para guiar as pobres almas, não digo, porque, infelizmente, são conhecidos, nem se poderiam fabricar mais atos voltados para a perdição deles e de outros: tanto se verifica o dizer do Evangelho: ‘São cegos e guiam outros cegos’, pelo que caem todos na fossa do pecado” (SERAFINO ACETI DA FERMO, *Opere*, Veneza 1562, c. 3v. A citação foi tirada do tratado *Dell’oratione interiore*, em cuja segunda parte, dedicada às Silvestrinas de Vicenza, estão escritas palavras bastante elogiosas ao Santo Fundador e à Angélica Paola Antonia Negri).

O próprio Santo Antônio Maria tem palavras bastante ardentes, chamando de “*macacos imitadores de santos*” (20409) estes “*grandes fingidos*” (20409) e “*Pra que lhe serve acalmar as desavenças dos outros e não acalmar as suas? Pra que lhe serve convencer os outros a dominarem suas paixões, se você não domina as suas? Pra que lhe serve ensinar, com palavras, como viver a perfeição e, depois, destruí-la com o comportamento, tal como fazem os hipócritas? Cuidado, caríssimo, não faça parte desse grupo de pessoas!*” (20403).

Não à toa, no século XVI, corria esse dito popular: “*Se você quiser ir com certeza para o inferno, torne-se padre!*” (TACCHI VENTURI P., *Storia della Compagnia di Gesù in Italia*, vol. I, parte I, Roma 1931, p.58). E quando se pensa que os teólogos de então admitiam como razão válida, para escusar a integridade da acusação de determinados pecados na Confissão, a suspeita de que o confessor dela se aproveitasse para instar os penitentes ao mal (BATTISTA CARIONI DA CREMA, *Della cognizione et vittoria di se stesso*, Milão 1531, c. 11v), podemos perceber claramente o quão decaída estava a disciplina sacerdotal.

Este, em breve, o panorama bastante desconcertante da vida religiosa no século XVI. O Santo Fundador não só o denunciou, como também o analisou, estudando sua gênese.

“*Caríssimo, {...} não sei de onde ela vem! Quer descobrir a origem dela? Ela tem três causas que andam juntas. Por agora, só vou falar de uma delas.*” (20617). Infelizmente, o Santo não pôde de-

envolver todas as três causas, como era sua intenção. Com efeito, no manuscrito original, inicialmente dera como título ao sexto sermão: “Das três causas da negligência e da tibieza no caminho de Deus” ; posteriormente, no entanto, riscou (deixando, porém, bem visíveis e legíveis as palavras primitivas) as “três causas” e escreveu “uma causa”, colocando como subtítulo “primeiro sermão”: claro sinal de que tinha a intenção de tratar as outras duas causas com um “segundo sermão” e um “terceiro sermão” nas folhas que ainda hoje estão em branco.

“*É uma de três causas*”, dissera Antônio Maria: e prossegue: “*por agora, só vou falar de uma delas*” (20617).

Para nós, essa permanece única, mas é tratada tão amplamente que nos faz sentir menos falta das outras duas. Ei-la: “*Alguns dizem: não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis.*” (20618)

Vemos aqui a mentalidade comum no século XVI, pois as frases desses “*alguns*” de quem o Fundador se compadece, chamando-os de “*coitados*” (20620), “*mesquinhos*” (20618), são referidas quase textualmente em muitos livros da época (Roma, Archivio Generalizio dei PP. Barnabiti, N.b.2, f.40r) . Aliás, o próprio Antônio Maria, em várias partes de seus Escritos, repete-as, criticando-as: “*Primariamente (do modo mais absoluto), você deve se livrar da frase: “não tenho a intenção de fazer muito bem, porque dizendo assim, está sempre em perigo”* (20622). E ainda: “*Agora, você desejaria servi-lo, amá-lo, honrá-lo só um pouquinho e não mais intensamente? Não fale mais isso! Pois, além de deturpar o instinto natural que Deus lhe deu, além de não retribuir a Deus por tudo que você recebeu dele, você ainda prejudica a si mesmo, porque não progride no caminho de Deus*” (20623). E, nas Constituições, coloca como sinal claro de tibieza: “*Quando vocês ouvirem muitos, especialmente os superiores, falarem assim: “Assim está bom, não fiquemos preocupados com uma perfeição maior”* (31715).

Portanto, a tibieza é causada pela pouca generosidade dos fiéis,

que, erradamente se apoiando na distinção entre preceitos e conselhos, se contentam com o mínimo esforço: “*E assim, quer o bem, mas só em parte: controla-se em parte, mas não quer se controlar no todo: não digo que isso aconteça de uma vez só, mas também não demora muito a aparecer.*” (11103).

A resposta do Santo

Em todas as respostas Zaccaria, com palavras bem precisas, nega valor permanente à distinção preceitos/conselhos, que, por acaso existente, teria sido posta no caminho de Deus para atizar a generosidade daqueles de boa vontade e não para legalizar a mediocridade dos preguiçosos.

I. Enlace com Cristo

Para compreendermos a fundo a obstinação da luta zaccariana contra a tibieza, devemos necessariamente retornar Àquele que, primeiramente, assinalou sua existência e seus danos: o Evangelho de Mateus, capítulo quinto: o que vocês fazem “a mais”, “além” dos outros? Até agora era proibido o homicídio; de agora em diante, também estará proibido o insulto. Até agora era preciso retribuir não com vingança, mas com justiça (olho por olho; dente por dente); de agora em diante, será preciso retribuir com caridade e perdoar as injúrias. Até agora era preciso ter em conta todas as palavras ofensivas; de agora em diante, também todas as palavras inúteis ou desconsideradas, que, por isso mesmo, mais do que um discurso, mostram uma ausência interior, uma distração, uma dissipação da vida. Se não... o que vocês fazem de extraordinário, a mais do que os outros? (cf Mt 5,21) Amar os amigos, odiar os inimigos, responder a quem nos cumprimenta e evitar quem nos é antipático: “os pagãos não fazem a mesma coisa?” (Mt 5,47) Conclusão: se a sua justiça não for além daquela dos escribas e fariseus... se a justiça de vocês não superar... (Mt 5,20).

Os fariseus eram pessoas que observavam até as mínimas pres-

crições da Lei. Jesus sabe disso. Mas, o que ele reprova neles não é nem tanto a exata observância da Lei, mas a convicção deles de não terem, além disso, que fazer algum progresso. Os seus discípulos não devem ficar parados nessa situação. Nada de conformismos, nada de imobilidade, nenhum medo de se superar para crescer a cada instante. Ele veio “para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

É exatamente esta plenitude de vida que leva o cristão a realizar, com perfeição, a fisionomia espiritual que lhe foi traçada por Deus desde a eternidade, superando continuamente sua condição atual (desse ou daquele momento), que não constitui “ele mesmo”, mas é apenas uma etapa em direção a seu ser definitivo. É fácil, portanto, entender que a vida autêntica consiste neste “contínuo ir adiante” espiritual, que significa uma adesão progressiva Àquele que é a medida de nossa estatura perfeita: o Cristo (cf Ef 4,13-15), tornando assim menos imperfeito nosso ser que, exatamente por ser finito, permanecerá sempre necessitado e capaz de novos progressos. Também é fácil entender a posição exata da tibieza: ela é renúncia, ou melhor, repúdio a essa vida plena e abundante, é falta de coerência consigo mesmo, fechamento ao apelo interior de Deus que nos quer perfeitos como Ele (cf Mt 5,48).

Esse parêntese se fazia necessário porque Santo Antônio Maria o supõe. Ele mesmo estabelece a equação “fariseu = tibio”, repetindo, no que se refere a este último, a mesma análise psicológica e a mesma reprovação que, no Evangelho, Jesus faz aos fariseus (cf 11101-03).

Reportando-nos em nota aos correspondentes passos dos sermões (20124, 20408-09, 20506), vamos nos deter nesse único trecho da carta ao casal Omodei: “... Já que os confiei ao Cristo, desejo que vocês não se deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre! O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês, a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais. O tibio - ou seja, o fariseu - age assim: ao se converter, abandona os pecados maiores, mas não se preocupa com os

menores, ou melhor, não sente nenhum remorso por causa deles. Por exemplo, deixa de blasfemar ou de ofender os outros, mas não fica nem um pouco preocupado quando se irrita, ou quando teima em manter seu ponto de vista, não cedendo nada ao companheiro; não fala mal do próximo, mas não acha que é um grande pecado gastar o dia inteiro em conversas fiadas: não come demais, nem se enche de vinho, como fazem os bêbados, mas gosta de estar sempre beliscando alguma coisa gostosa, mesmo sem precisar; sabe controlar a sua sensualidade, mas se diverte com conversas mundanas e coisas parecidas; gosta de ficar duas horas seguidas rezando e, depois, no resto do dia, a distração é sua companheira: ou também, não corre atrás de elogios, mas se por acaso alguém o elogiar ou exaltar, fica cheio de si. E como eu citei esses exemplos, procurem mais alguns, relacionados a outras situações de vida. É suficiente que vocês cheguem a esta conclusão: que o fariseu, isto é, o tíbio, corta de si o que é grande e guarda o que é pequeno; deixa as coisas inconvenientes, mas quer todas as convenientes; controla a sensualidade de uma relação, mas gosta demais da sensualidade da visão. E assim, quer o bem, mas só em parte: controla-se em parte, mas não quer se controlar no todo: não digo que isso aconteça de uma vez só, mas também não demora muito a aparecer” (11101-03).

Com isso, nos unimos às frases dos contemporâneos do Zacaria, vistas acima: “Não é preciso se matar para se tornar santo, pois algumas coisas são apenas conselhos e não preceitos”. Vimos que Zacaria não aceita essa desculpa. Vejamos, agora, o porque.

II. A doutrina do “continuamente adiante”

Ninguém tem o direito de renunciar ao crescimento progressivo de sua própria interioridade; ninguém pode justificar sua própria tibieza com a fútil desculpa de que há uma distinção entre as coisas de preceito e as de conselho, porque:

1. Essa distinção não existe a nível ontológico, sendo apenas um expediente psicológico para proclamar a tibieza;

2. A própria Providência dotou os homens de um “instinto natural” que empurra cada um à contínua superação de si mesmo;
3. Para os componentes da “família de São Paulo”, isto é, para os Barnabitas, Angélicas e Leigos, aqui também há um motivo de sangue, de família: não serem filhos degenerados dos seus pais, que perseguiram e alcançaram uma santidade incomum.

Esses três importantíssimos itens devem ser examinados com calma.

1. Distinção entre preceitos e conselhos

O Santo Fundador não a aceita, ou, ao menos, no sentido propugnado pelos tíbios. Vamos segui-lo.

a. Existência

Tal distinção existe, já que fundada nas Sagradas Escrituras. *“Alguns dizem: não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis. Rezar muito, humilhar-se muito, fazer muita penitência, dar o que temos aos pobres, sobrecarregar-se de coisas espirituais... Pra quê? Não precisa! Como somos mesquinhos! Não há dúvida que algumas coisas são necessárias e outras só são aconselhadas. Alguém perguntou a Cristo o que deveria fazer para entrar no Paraíso e Ele respondeu: “observa os Mandamentos”. Ao que o outro retrucou dizendo que já fazia isso desde o tempo da sua juventude. E Jesus disse: “se você quer ser perfeito, vá, venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro no céu...” (Mt.19,16-21). E Cristo disse ainda: “de fato, há homens castrados, porque nasceram assim; outros, porque os homens os fizeram assim; outros, ainda se castraram por causa do Reino do Céu. Quem puder entender, entenda” (Mt.19,12). E Paulo, falando da virgindade, disse: “... quanto às pessoas virgens, não tenho nenhum preceito do Senhor. Porém, como homem que, pela misericórdia do Senhor, é digno de confiança, dou apenas um conselho: considero boa a condição das pessoas virgens, por causa das angústias presentes (1Cor.7,25). Ora, é daqui*

que surge a distinção entre norma e conselho” (20618). Mas ...

b. Natureza

Sim, há um “mas” que escapa aos olhos dos tíbios e que, no entanto, é fundamental: *“Você quer saber por que se faz esta distinção? Para arrancar a tibieza. De que modo? Escute só: algumas pessoas, quando viam que a vida cristã está sempre procurando a perfeição, que procura pensar só o que é bom, que cuida dos sentimentos com seriedade, que fala com moderação, ficavam assustadas e desanimavam de fazer alguma coisa boa para chegar a esta mesma perfeição. Foi por isso que muitos santos fizeram esta distinção entre coisas necessárias e aconselhadas: dessa forma ficavam sempre animados para a ação; e, em seguida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição”* (20619).

Tal distinção é, portanto, apenas psicológica; existe, mas em caráter provisório: é para não desencorajar os iniciantes; é para que nos deixemos prender na rede divina, para que, depois, fatalmente, necessariamente, não possamos mais voltar atrás em nossos passos, avançando sim até o *“máximo da perfeição”* (cf 10202 / 11010 / 31218.29.44.46 / 31307).

Por que “fatalmente”, “necessariamente”? Porque o Santo Fundador afirma que a experiência espiritual é, por sua própria natureza, fascinante, cativante. Quanto mais nos ligamos a Deus, menos sentimos a resistência da carne. *“Seu espírito, apegado a Deus, se torna mais simples; por isso, “experimenta as coisas espirituais, as coisas carnis perdem o sabor”* (20202). *O difícil é se convencer a entrar nessa corrente; uma vez dentro, ela se encarrega de nos arrastar. “Comece – aconselha Antônio Maria – a fazer o bem que é necessário, pois, assim, você irá para frente e se tornará melhor”* (20619).

É exatamente por isso que o quinto sermão chama “bem-aventurados” aqueles que conseguem “experimentar mesmo que uma vez só (é o caso de dizer “uma ótima vez”!) a verdadeira alegria interior” (cf 20510). Porque – explica o segundo sermão – *“a razão pela qual a vida*

espiritual exige que você não volte atrás e que não pare. Mas, tendo saboreado aquela doçura divina, cresça a cada dia, esquecendo o passado e se voltando para o futuro (Fl.3,13). É um alimento que, se alguém o come, quer mais ainda; e é uma bebida que quem experimentou, quer bebê-la de novo (Eclo.24,29): de uma certa maneira, mata a sede, mas a provoca também! Quem não saboreia esta delícia, não a entende e quem não a experimenta, ignora o efeito desse vinho” (20206).

Então: a embriaguez espiritual é a vida interior? Não. São uma lúcida abertura da alma a respeito das realidades que, claramente nos saciam e nos atraem irresistivelmente. As Sagradas Escrituras também nos dão a entender deste mesmo modo.

c. Explicação

O Santo Fundador entendeu que abolir toda distinção real e permanente entre preceitos e conselhos é um gesto bastante trabalhoso: por isso se preocupa em se proteger à sombra da palavra divina. Como as Escrituras autorizaram aquela distinção no sentido e dentro dos limites anteriormente definidos, são as próprias Escrituras que autorizam negar-lhe valor permanente, ou melhor, sustentar que tal distinção tem apenas uma função de trampolim para articular de forma mais correta o salto para a plenitude da vida cristã; ou, ainda mais, sustentar que é uma isca para nos atrair para a corrente espiritual que, em seguida, necessariamente nos arrastará em seu vórtice.

Escutemos o Zaccaria: *“Assim dizia Paulo a Festo, desejando que ele fosse cristão: “ainda um pouco, ou ainda muito, tomara que Deus fizesse não somente o senhor, mas todos os que me escutam hoje, tornar-se como eu, mas sem essas correntes”! (At.26,29). Mas o que é isso, Paulo? Se as suas correntes são tão boas, por que você queria que Festo fosse cristão sem elas? E Paulo quase que responderia assim: “Deixa que ele comece e, mais tarde, não terá medo das correntes”! O próprio Cristo convidou a si mesmo a entrar na casa de Zaqueu, mas não pediu a ele que desse seu patrimônio aos pobres; Zaqueu, no entanto, tendo recebido o Cristo em sua casa, deu parte de seu patri-*

mônio e ainda restituiu o que era dos outros (Lc.19,8). Cristo perdoou Madalena (Lc.7,50) e ela o seguia (Mc.15,40). Ele não disse a ela que fizesse penitência, que vendesse seus bens e distribuisse o dinheiro aos pobres; no entanto, ela fez penitência e distribuiu tudo aos pobres. Do mesmo jeito, você comece a fazer o bem que é necessário, pois, assim, você irá para frente e se tornará melhor” (20619).

Vale notar que São Paulo, com aquelas palavras dirigidas a Festo (na verdade, os Atos 26,29 não dizem que tais palavras se dirigem a Festo, mas sim a Agripa; de todo modo, todos os dois têm a ver), não pretendia nada além de uma tirada espirituosa, acenando, com um risinho significativo, para os grilhões que apertavam seus pulsos; Antônio Maria vai mais além do fato histórico contingente, daí extraíndo o ensinamento espiritual oculto, como o extrai nas ações de Zaqueu e Madalena (Lc 7,50 / Lc 19,8 / Mc 15,40-41). Se, ao invés de falar do lado positivo da vida cristã, São Paulo tivesse se limitado ao lado negativo de renúncia e crucificação pessoal – lado de todo modo necessário –, talvez jamais seu interlocutor se saísse com essa frase: “Ainda um pouco e você vai me convencer a tornar-me criatão” (At 26,29); se Cristo, ao invés de “se convidar a si mesmo para ir à casa de Zaqueu” (cf 20505 e 20619), tivesse de imediato lhe imposto a restituição do que erradamente tomara, talvez Zaqueu não lhe tivesse permitido sequer botar os pés em sua casa; se Madalena, no momento da conversão, tivesse uma visão clara da vida penitente que deveria levar para se redimir de seu triste passado, talvez tivesse mantido todos os seus pecados. Ao contrário, estes, chamados com suavidade e inseridos na corrente cristã, assumiram praticamente uma nova mentalidade e se lançaram perdidamente na nova aventura.

Nas Constituições Zaccaria também diz que embora “*a oração externa ou vocal foi feita para o seguinte: animados pelo prazer e pelo sentido que ela traz possamos chegar, pelo menos no fim, a aprender a oração interior.*” (31003).

Eis, portanto, justificada a conclusão de Antônio Maria: “de modo que,

comece exatamente a fazer o bem e, necessariamente, em seguida você avançará e se tornará melhor” (cf 10202).

d. Perigos da distinção

“Coitados de nós! – exclama Zaccaria – A firmeza e a decisão que devemos ter para fugir do mal, não as estamos usando para fazer o bem” (10203)

Com efeito, *“Caríssimo, chegue a esta conclusão e diga: quem quer fugir do perigo de pecar contra os mandamentos, precisa observar os conselhos. E quem diz isto? Eu? Não! É Salomão! Ele dizia: “... quem despreza o pouco, cairá logo na miséria”.(Eclo.19,1). Se você não quer cair na água, não se aproxime dela. Se não quer desrespeitar os mandamentos, observe os conselhos. Quer evitar os pecados graves? Fuja dos leves. Quer até fugir dos pecados leves? Deixe de lado as coisas lícitas e permitidas. Por exemplo: quer evitar o pecado da gula, que, talvez seja um pecado leve? Deixe de lado, algumas vezes, qualquer coisa saborosa que lhe seja permitida. Vamos, então! Agora você já está entendendo que o que foi um achado para arrancar a tibieza, acabou tornando-se, de certo modo, causa dela.” (20621)*

O longo trecho, de transparência cristalina, justifica amplamente a frase que o inicia e o conclui.

Não resta se não extrair do Santo Fundador a conclusão do inteiro parágrafo e junto o apoio para o argumento sucessivo: “Conclua, então: que todas as coisas lhe foram dadas para serem um caminho que o leva a Deus; que é necessário você andar pelo caminho do desapego dos bens e, principalmente, andar longe da tibieza; que você deve evitar de forma absoluta este modo de falar: *“não tenho a intenção de fazer muito bem”*, porque dizendo assim, está sempre em perigo e também abate e enfraquece o instinto natural, que procura fazer quanto pode.” (20622).

Assim, visto que a tibieza não se justifica pelo fato de algumas coisas serem de preceito e outras de conselho, tentemos agora ver como ela vai contra a própria natureza e como o cristão coerente deve neces-

sariamente alinhar-se contra ela.

2. *O instinto natural*

Bergson o chamaria “élan vital”: tensão vital, impelida pela vida. Antônio Maria, por sua vez, chama “instinto natural” aquele conjunto de tendências que levam a pessoa à sua integração total, preenchendo progressivamente suas carências fundamentais e conquistando o equilíbrio geral que a estabelece em uma síntese serena e segura.

Como se sabe, toda Filosofia leva em consideração esse impulso interior de que cada homem são é dotado. Vejamos como o Santo Fundador utilizou-o para sua construção ascética.

a. *“Instinto natural” e “instinto sobrenatural”*

Zaccaria coloca dois instintos no homem: um natural e outro sobrenatural ou espiritual. O instinto espiritual é uma verdadeira graça que vem de Deus, uma inspiração direta ou – como diz nosso Santo – uma “elevação da mente pelo dom dos Conselhos” (cf 10307.09.11), que nos dirige e sustenta nas decisões imprevistas.

O instinto natural, por sua vez, é uma disposição da natureza, uma espécie de paixão ou inclinação que Deus colocou em nós juntamente com as outras “paixões e inclinações naturais” (cf 20511). O instinto natural é feito de insatisfação permanente, de instabilidade que não tolera o ficar parado, de incoercível necessidade de felicidade, que nos impele providencialmente a superar, sem tréguas, a estagnação em situações boas ou más. *“O homem, por natureza, acha difícil ficar concentrado numa coisa só”* (10308) . *“Deus fez o homem instável e querendo sempre mudar, para não ficar parado no mal e, também, para que, conseguindo um bem, não fique parado só nele, mas passe para outro maior e, desse, para outro maior ainda e, assim, crescendo degrau por degrau, chegue à perfeição. É por isso que se diz que o homem que está no mau caminho, não fica nada satisfeito, isto é, não encontrando prazer no mal, pode continuar nele: e assim, não parando no mal, irá para o bem. Do mesmo modo, não se satisfazendo só com*

as criaturas, passará para Deus.” (10202).

b. Qualidades e fraquezas do instinto natural

Tal instinto tem como manifestação imediata uma espécie de sofreguidão que, dando a cada um de nossos desejos proporções gigantescas, depõe no fundo da alma a nostalgia do infinito, do absoluto, de Deus. *“Diga-me: - interpela Antônio Maria - você deseja apenas uma parte da santidade, ou toda ela? Você deseja só alguns bens, ou todos os que você poderia ter ou não ter? Só alguma ciência e não mais?”* (20622).

A resposta está implícita. O Santo já dissera anteriormente que o instinto natural *“faz tudo aquilo que pode”*: quando nos vem o desejo de possuir, cada um pega uma quantidade maior do que cabe na mão e abraça muito mais do que os braços podem abranger. Por isso, continua o Santo Fundador: *“E assim por diante, em todos os outros seus desejos. Todos querem, cada vez mais, alcançar o fim; o fim da sua vontade é o bem e, por isso, você o deseja totalmente e não só um pouquinho”* (20622). *“Deus deu ao homem um desejo, que também não se acaba, de saborear a Deus e de experimentar a sua perfeição; deu-lhe uma insatisfação permanente em relação às coisas desse mundo e um desejo contínuo das coisas do céu”* (20607).

Como se vê, o instinto natural é o princípio motor de toda atividade vital, seja natural ou sobrenatural (por isso, de início, nos aproximamos do *“élan vital”* de Bergson): o próprio Cristo e aliás o próprio Deus, em suas operações *ad extra*, não se subtraem a essa lei (cf 20622-23). Todo homem, pois, vive na medida em que utiliza essa energia interior para crescer, para adquirir novas perfeições, para tornar úteis todos os talentos a ele concedidos pela providencial Bondade divina.

Há, porém, um grave perigo: que o homem *“perverta”* (cf 20622-23) este instinto, que, sistematicamente descuidado, vai se debilitando até se extinguir: isso seria a morte espiritual.

É preciso, portanto, banir a tibieza e deixar-se arrastar por aquela força providencial, que, não nos deixando parados na mediocridade,

necessariamente nos conduzirá à “total e completa perfeição” (cf 10502 / 11101.05). *“Ó homem mesquinho! Deus abandonou tudo: honras, riquezas, toda a sua glória, por sua causa, como Ele mesmo disse: “o que mais eu deveria ter feito pela minha vinha, que não fiz?” (Is.5,4). Agora, você desejaria servi-lo, amá-lo, honrá-lo só um pouquinho e não mais intensamente? Não fale mais isso! Pois, além de deturpar o instinto natural que Deus lhe deu, além de não retribuir a Deus por tudo que você recebeu dele, você ainda prejudica a si mesmo, porque não progride no caminho de Deus. E não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás (São Bernardo). Acontece com você o mesmo que acontece com a água do mar; que nunca para: avança seis horas e recua seis horas e nunca está firme! O mesmo acontece para o homem na vida espiritual: ou ele cresce pela virtude ou, se não crescer, permanece no vício. Desta maneira, se afastou da virtude e voltou pra trás.”* (20623).

Concluindo: nossa própria natureza dá um grito de guerra contra a tibieza. O cristão, chamado a viver a vida plena de Cristo, se não quiser acabar em ruínas ao final de seus dias, deve alinhar-se, com decisão, contra o que Antônio Maria chama de *“a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza”* (10502).

3. A honra da própria família

Os Barnabitas e Angélicas têm mais um motivo para odiar a tibieza: a nobreza de sua estirpe espiritual. *“Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados”* (10505). Para sermos dignos de nossa família, somos convidados a ul-

trapassar a virtude dos próprios Fundadores: *“Por acaso os discípulos que são mais fervorosos do que os seus mestres destroem o que eles plantaram? Pelo contrário, em vez de destruir, não estariam acrescentando mais perfeição e firmeza às suas realizações?”* (10704).

Aliás, era exatamente isso que queriam os Fundadores: que nós, banidos de toda negligência e falta de firmeza (cf 10216), fôssemos *“plantas e colunas de renovação do fervor cristão”* (10711). Por isso, Santo Antônio Maria, ao final da tão angustiada carta sétima, não encontra palavras mais persuasivas do que a chamada à nossa nobreza espiritual e à grandeza de nossa vocação: *“Filhos e plantas de Paulo, alarguem os seus corações (2Cor.6,13), pois quem os plantou e ainda planta, tem o coração maior e mais aberto que o mar e não sejam inferiores à vocação para a qual foram chamados (Ef.4,1). Se vocês quiserem, serão, desde já herdeiros e filhos legítimos do nosso santo pai e dos grandes santos e o Cristo Crucificado estenderá suas mãos sobre vocês”* (10712).

O aceno aos santos declaradamente “grandes” se relaciona com a recomendação da carta quinta, que impele as Angélicas à conformação total a Cristo na imitação dos santos, mas... “daqueles grandes” (cf 10502), desembocando no angustiado apelo deixado como testamento espiritual na última carta: *“Fiquem sabendo que seria para mim, uma dor profunda, se não tivesse a certeza de que vocês estão prontos a fazer isso e até coisas maiores do que as já feitas por qualquer outro santo ou santa!”* (11108) . Isto não é orgulho, mas necessidade para não sermos *“filhos degenerados e pouco legítimos”* (cf 10505 / 11011). Insiste o Zaccaria: *“Não pensem que o amor que tenho pelos dois e que as boas qualidades que vocês têm me levem a desejar que sejam apenas santos comuns. De jeito nenhum! Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem, - que se tornem grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele”* (11106).

Conclusão: banimento da tibieza!

Todas as palavras de nosso Santo acima referidas deveriam ter desnudado a verdadeira face da tibieza e justificado a perseguição a esse “*péssimo efeito: a negligência, que é totalmente contrária aos caminhos de Deus*” (10210). “*Com efeito, a tibieza odeia o fervor*” (cf 30902 / 31104 / 31218.39 / 31703.16 / 31801) e aqueles por ela dominados não apenas fazem mal a si próprios, mas “*levantam batalhas cruéis contra os fervorosos*” (31807), suscitando aliás “*a mais dura entre todas as outras*” (31825), porque desta luta depende a própria possibilidade de se conduzir uma vida espiritual séria.

Por esse motivo, Santo Antônio Maria diz que os túbios são os demônios visíveis que contrastam a obra de Deus mais ainda do que os demônios invisíveis (cf 31807), recomendando a seus filhos que estejam atentos, nos combates espirituais contra a tibieza, desvelando as causas de sua origem e desenvolvimento (cf 30902). Mesmo nos últimos momentos de sua vida, quando o “*esgotamento do corpo*” causado pelo mal inexorável que já o consumia e que não lhe permitia fazer tudo o que desejava, ainda encontrou forças para escrever contra a tibieza, confessando estar pronto a derramar seu sangue por seus destinatários, de modo que esses “*creçam continuamente*” (cf 11101).

“*Quem deseja tornar-se espiritual, faz exatamente o contrário, pois começa cortando alguma coisa: um dia, uma, outro dia, outra e assim, vai continuando, até eliminar a pelanca e tudo da carne que não serve mais*” (11104) “*Deus habita nas pessoas de coração aberto para Ele ... Amém*” (20437).

ASPECTO PRÁTICO COMO BANIR A TIBIEZA

A luta de Santo Antonio Maria

Se o Santo Fundador não peca por humildade na segunda carta, é preciso dizer que sua forte oposição à tibieza não deriva apenas do temperamento decidido que o caracteriza, mas também de uma real dificuldade interior que atrapalhava seu caminho espiritual. *“Meus amigos, é verdade que dessa falta de firmeza que há no meu comportamento, nasce em mim - não sei se é também por outro motivo, mas é quase sempre por causa da falta de firmeza - uma negligência tão grave e uma demora tão grande na hora de agir, que eu nunca me decido a começar uma coisa ou então, se eu começo, vou me arrastando tanto, que nunca chego ao fim.”*(10212).

Sete meses antes já escrevera a seu diretor espiritual: *“Meus negócios caminham devagar e a minha negligência atrasa tudo ainda mais; mesmo assim, vou em frente”* (10106). Parece que preguiça e negligência tivessem raízes naturais muito profundas em nosso Santo, se ele mesmo o diz *“plantadas em meu coração”* (cf 10214); e isso não era recente, mas vinha de anos: *“A firmeza e a decisão que devemos ter para fugir do mal, não as estamos usando para fazer o bem; tanto é verdade, que eu me admiro muitas vezes com a grande falta de firmeza que está em mim e isso vem de longe! Meus irmãos, eu estou certo de que, se eu meditasse profundamente a respeito dos males que surgem por causa dessa tal falta de firmeza, já os teria arrancado pela raiz há muito tempo!”* (10203). *Havia nele ainda certa propensão à superficialidade, por ele denominada “falta de firmeza”* (cf 10208), que lhe cortava as asas, exatamente quando sentia que *“O livro (de Frei Batista), ‘A vitória sobre si mesmo’ vou ter que escrevê-lo com a vida e não só no papel”* (10110).

Sabemos que os Santos têm como característica de sua santidade de uma qualidade que se opõe diretamente à principal deformação de

sua índole. São Francisco, o santo da pobreza, por índole era bastante inclinado à avareza; São Luiz Gonzaga, o santo da pureza, era bastante inclinado à impureza; São Francisco de Sales à ira; Santa Clara à soberba. Não é de se espantar que nosso Santo, dentre os mais decididos, tenha reagido a uma deformação de sua índole. Mirando ao modelo, “nos caminhos de Deus precisamos, antes de mais nada, de *“prontidão e dedicação”* (10210), conseguiu adquirir aquela determinação que arranca o mal pela raiz e que todos os historiadores lhe reconhecem.

Seria interessante reconstruir, ao menos parcialmente, as fases e êxitos desse trabalho interior. Mas, Zaccaria não nos deixou nenhum diário espiritual. Já que, no entanto, em seus conselhos, todo orientador espiritual se serve também e principalmente de sua experiência pessoal, tentemos reconstruir o plano de luta contra a tibieza como resulta de seus Escritos.

A luta e suas fases em nós

I. Os Pressupostos

Não obstante todos os homens serem chamados para a santidade (LG 11.41-42) e, portanto, todos devam lutar contra a tibieza, há alguns que, especialmente dotados para isso, apresentam, mais do que outros, garantia de êxito. Para ser Barnabita ou Angélica, Antônio Maria exige que pertençamos a essa categoria.

Dois tipos de pressupostos fundamentam o trabalho: naturais e sobrenaturais.

1. Pressupostos naturais

Antes de tudo, grande cautela na aceitação dos noviços: “*Ao escolher, evite chamar aquela espécie de pessoas cuja bondade vale pouco*” (31827) e “*você deve procurar outras pessoas que sejam inteligentes e, acima de tudo, de imensa boa vontade*” (31826). Com efeito, essas são as duas qualidades que todo Barnabita deve ter: pronta inteligência e vontade tenaz; ou, como diz Zaccaria, luz e fogo: “*vocês*

poderão receber os de qualquer condição, contanto que sejam dotados de boas qualidades, de fogo e de luz” (31106). “Não os recebam se não tiverem uma grande boa vontade, porque estes, se forem bons, farão um grande progresso espiritual. Ao contrário, se forem maus, se estragarão a si mesmos e aos outros. Irmãos, de fato, vocês verificarão que aquele que incita murmuração, a tibieza e os cismas nas comunidades ou nas Congregações, este impede que a luz chegue aos que têm pouca capacidade e apaga o fogo do entusiasmo do fervorosos. Por isso, observem a natureza de uns e de outros e procurem compreendê-la muito bem, isto é, ver se o candidato está sem luz ou sem fogo. Vocês conhecerão esta realidade, observando o que dissermos mais adiante, não só por um dia, mas por muito tempo” (31103-05). Portanto, para os Barnabitas, é necessário ter “uma grande capacidade natural” (cf 31205).

Sendo aceitos, outro pressuposto é requerido: vivacidade de conduta. “*A negligência voluntária de quem não se preocupa em crescer*” (31403) é motivo suficiente para ser expulso da Congregação; nem se diga que isso é um exagero, “*a sua expulsão não é feita por crueldade, mas por misericórdia, para que não estrague os outros com sua peste venenosa*” (31403). Decerto, a negligência deve ser voluntária: e o Santo Fundador faz uma clara distinção entre “negligência simples” – que, na prática, se reduz às mesmas dimensões da “fragilidade” (cf 30303) – e “negligência voluntária”, que, mesmo não se voltando para coisas relevantes (30303), pelo fato mesmo de ser voluntária, indica indisposição para a santidade.

E que ninguém tenha medo de arruinar a Congregação se essas demissões devessem acontecer com frequência. Não é o número que conta. “*Em tudo e por tudo, vocês não devem cuidar de pessoas sem boa disposição e que não sejam muito zelosos com a Congregação e com a honra de Deus. Ai de nós, se alguém puder afirmar como verdade: “Senhor, aumentaste o povo, mas não aumentaste a alegria (Is.9,3)” (31408).*

São três, portanto, os requisitos naturais que um verdadeiro filho de Santo Antônio Maria deve possuir: luz, fogo, reta intenção. E, essa última, amplamente boa e reta; não apenas bondade natural e reta intenção, nem tampouco apenas bondade gratuita e intenção, mas sumamente boa e obsequiosa (cf 31816-17).

I. Pressupostos sobrenaturais

Todo trabalho espiritual deve necessariamente contar com a ajuda de Deus. Nossos esforços serão em vão “*sem o socorro da graça divina, a qual, porém, foi garantida que permanecerá conosco até o fim dos séculos (Mt.28,20). Essa Graça está tão disposta a nos ajudar, que prefere acusar-nos e culpar-nos de falta de coragem e de infidelidade diante das coisas grandes, em vez de nós podermos culpá-la de nos ter faltado*” (31803). Por isso, “*é preciso que você confie sempre na ajuda divina e conheça, por experiência, que ela nunca lhe faltará*” (31822).

De nossa parte, deve haver (como diz a penúltima frase citada) uma disposição permanente de fidelidade vigilante, sem nos desencorajarmos se o trabalho eventualmente se tornar cansativo. “*Vocês sabem que o demônio costuma vencer os que se distraem*” (30702) e “*o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós*” (10308). “*Por isso vamos ficar calados: o próprio Cristo Crucificado vai fazer o resto*” (10401).

Peçamos, pois, fervorosamente, ao Senhor a graça da santidade: mas, ao mesmo tempo, “*Conformem-se aos seus pedidos*” (31010), nos dirigindo primeiramente a Deus e agindo como se todos os nossos pedidos já tivessem sido atendidos.

II. As fases do trabalho

Dadas a boa disposição natural e a ajuda sobrenatural da graça, se empreende o trabalho com entusiasmo, que, como tudo que fazemos,

tem por fases distintas, ainda que nem sempre em ordem cronológica, ou seja, primeiro a mudança e depois a construção.

1. Fase negativa

É a mais trabalhosa e aparentemente a que apresenta menos resultados. É preciso limpar o terreno de todas aquelas “ervas más” e “péssimas raízes” depositadas pelo pecado original; esse trabalho deve ser desenvolvido tanto a nível pessoal quanto comunitário.

a. Vida de comunidade. O Santo Fundador insiste que todo o ambiente religioso esteja apto para a aquisição do fervor e, mais do que isso, o estimule e facilite. *“Portanto, se durante certo tempo for necessário trabalhar na correção dos defeitos, não se esqueça de que é preciso corrigir os irmãos dos seus vícios, não com a prisão ou outras penitências, mas é preciso arrancar as raízes em tudo. Assim, por exemplo, se acontecer alguma murmuração, não convém dar uma ordem assim: “Se alguém murmurar, faça tal penitência...” Mas, antes de qualquer decisão, o visitador ou mesmo o reitor considere se houve causa razoável para esta murmuração; se não a encontrar, advirta quem murmura, como se disse antes, no capítulo das penas e da penitência (cap.14). Mas, encontrando uma justa causa, deve ordenar e dispor de tal modo que o erro não se repita, mas advertindo sempre que, a cada vez que acontece a murmuração, é porque, certamente, há algum defeito, ou no resultado, ou na causa”* (31902).

b. Vida pessoal. Organizado o ambiente externo, cada um deve trabalhar em seu interior. Evitar as faltas e suas ocasiões é o mínimo que um religioso deve fazer; quem deliberadamente se detivesse apenas nessa ocupação é como se deliberadamente renunciasse à santidade, pois um dos cinco sinais de tibieza certa é ocupar-se de cortar os vícios de suas ações, e não *“insistir no trabalho de extirpar as raízes de seus vícios”* (31224). Esforço desperdiçado! *“Os vícios, se não forem arrancados pelas raízes mas somente cortados, renascem mais tarde”* (31904); o que seria *“mais do que fazer o trabalho de jardineiros, que se limitam*

a podar e cortar os pequenos galhos e os raminhos das árvores e sempre têm que podar e cortar. Mas, pelo contrário, se arrancarem as raízes das plantas e das árvores, acaba o trabalho da poda e, depois, ganham com pouco cansaço, os frutos da terra sem espinhos. Assim, os penitentes devem insistir no trabalho de extirpar as raízes de seus vícios” (31224)

De que modo?

- **Formando bons hábitos**, ao fazer sempre o oposto do que nos sugere o egoísmo. *“Por exemplo: a soberba, que é a raiz de todo pecado (1Tm.6,10) só se arranca com a profunda humildade de quem tem sede de desprezo e sente fome das injúrias. Vocês arrancarão o vício da gula com aquela pobreza voluntária, que a grande custo consegue as coisas necessárias”(31224). “Vocês desejam a compunção? Não se deixem levar pela distração. Querem a humildade? Abracem, de boa vontade, os insultos; saboreiem as zombarias e até se deleitem nelas; alegrem-se com as coisas ruins. Querem a paciência? Desejem tribulação e penas, porque não há paciência sem tribulação e pena” (31010).*

- **Manifestando as próprias dificuldades interiores**, para serem iluminados e ajudados. Isto era muito usado em nossos primórdios; chegou a nós só sob a forma de capítulo das culpas e das censuras, absorvidas hoje pela revisão de vida. A raiz dos vícios se extirpará com sua manifestação: *“envergonhando-se diante de Deus e dentro de si mesmos, sem se preocuparem com os sinais externos. Desejando obter o perdão de tudo evitem esconder alguns pecados por vergonha, pois quem mostrar suas feridas mortais ao médico, escondendo uma só, por causa daquela chaga apenas, morrerá” (31223).*

Concluindo: *“Quanto mais você se afastar da causa e da raiz do pecado, arrancando-as e destruindo-as, tanto menos será oprimido pelos espinhos dos pecados e terá a sua consciência menos angustiada, mas em paz (o quanto for possível nesta vida) e colherá o fruto da mente pura” (31224).*

2. Fase positiva

Desimpedido o terreno, põe-se mão à obra de forma construtiva. Estamos na fase positiva, na qual têm vez as duas faculdades humanas que, elevando, aperfeiçoando e orientando sobrenaturalmente suas atividades, elevam, aperfeiçoam e orientam sobrenaturalmente nós mesmos.

a. A mente. É muito interessante constatar como Santo Antônio Maria insiste na educação da mente ou, como ele diz, na necessidade de “*alimento espiritual da mente*” (31012). Cumprir exatamente as próprias obrigações religiosas é menos que nada; antes de tudo, é preciso “*refletir e a considerar bem as razões pelas quais estes comportamentos são pedidos, em vez de considerá-los como um fim em si mesmos*” (31247). Eis porque o verdadeiro Barnabita não se contenta “*só em plantar e inserir os bons costumes, mas em inserir, introduzir e incrementar as raízes desses mesmos bons costumes. Em outras palavras, não basta que os exorte à paciência, à humildade, à castidade e a outras virtudes só porque lhes são úteis, mas deve introduzir, na pessoa, as razões e as causas pelas quais devemos inserir em nós mesmos tais virtudes*” (31905).

b. O coração. Uma vez orientada a mente, é preciso procurar, com todos os meios, potencializar os impulsos do coração, que devem passar de um estágio instintivo para um reflexo.

Em um primeiro momento – diz o nosso Santo – teremos na alma um estado de satisfação exterior (cf 31002), que se detém na devoção exterior e que crê, em um só dia, que tocou o céu com um dedo.

Superado esse estado, virá outro dominado pelos espíritos volúveis (cf 31211) (hoje, diríamos “fogo de palha”): este estado parece sério, mas não está ainda bem fundamentado e a boa vontade sofre frequentes solavancos.

Por último, atingir-se-á um estado de fervor e verdadeira devoção que consiste em uma “*pronta vontade para fazer as coisas de Deus*” (31240). Bastaria essa frase para demonstrar que nosso Santo,

mesmo na luta contra a tibieza, não é nem um pouco sentimentalista: para ele, a perfeição da caridade não consiste em impulsos piedosos ou em exaltações íntimas, mas sim nessa “pronta vontade” que se traduz em florescimento de obras.

Tal estado de vigilante disponibilidade para o Espírito é verificado por periódicos exercícios interiores, com o fim de purificar-nos e fortificar-nos. *“O homem aprenda a discernir se, no tempo de aridez, age menos do que no tempo do fervor exterior; ou melhor, se, sem esse fervor, sabe afervorar-se mais verdadeiramente no fervor divino e no aproveitamento espiritual”* (31238) Aliás, o tempo de aridez – apesar das aparências – é o mais apto à aquisição do verdadeiro amor e da verdadeira união com Deus. *“No entanto, aprendam isso durante o tempo da aridez: olhem e reparem muito bem dentro de vocês, se ainda está viva a semente da boa vontade; sendo assim, não tenham medo, nem sejam relaxados, porque lhes falta um ardente desejo exterior e a devoção, porque Deus está com vocês de um modo muito mais verdadeiro e amoroso do que com tantos outros de coração cheios de consolações. Saibam, pois, ó noviços que é dever dos corações magnânimos querer servir sem recompensa e querer combater sem remuneração. Por isso, fiquem certos disto: perseverando desta maneira, vocês ficarão mais abertos ao Espírito e aumentarão o verdadeiro fervor; e este estado de espírito de verdadeiro fervor pode também ser adquirido com propósitos renovados, firmes e frequentes e, mais ainda, com esforços violentos ou corporais”* (31241-43)

III. Potencialização

Pareceria que, atingido esse ponto do trabalho espiritual, o Senhor não deveria estar tão descontente conosco. Nem se diga que se trata de repousar sobre os louros, mas pelo menos de afrouxar um pouquinho aquela angústia de não chegar a tempo, que acelerou a corrida precedente.

Aqui se insere o Santo Fundador com o traço mais simpático

da sua fisionomia: a perfeição alcançada é, para nós, possibilidade – portanto, devida responsabilidade – de nos imergirmos ainda mais em Deus. Cada vértice se torna uma base, cada conquista um impulso. “*não progredir é recuar*” cf 20206 / 31237 / 31820) (quantas vezes Santo Antônio Maria o repete!), porque “*chegará ao máximo da santificação, única coisa que faz a nossa vida agradável a Deus*” (20316); somente “*o adorno do homem interior, [pois não] poderão entrar na casa do Senhor sem a veste nupcial: esta é a virtude no seu máximo grau*” (31232).

Para que um dia possamos nos sentar, com essa veste nupcial, na mesa do Reino, exige-se uma coisa: não parar e superar-nos instante a instante. “*É preciso que você se proponha avançar cada vez mais e em coisas mais perfeitas ... [senão você] imediatamente encontrará a tibieza diante da sua porta*” (31820).

Isto vale para os noviços: “*O Mestre deve ensinar aos noviços não digo o modo de apenas conservar, mas sim de aumentar seu fervor de noviços, fazendo com que saibam que não progredir é regredir*” (31237); “*Ensine aos Noviços a cultivarem o verdadeiro Amor e o desejo da total e completa perfeição. De que serviria a alguém ter muitas virtudes, se lhe faltasse uma? De que serviria ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas? Quem descobrir que é assim, reconheça que não quer honrar a Deus o quanto pode*” (31244). Isto vale também e sobretudo para os professores: “*Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros, porque o tamanho da perfeição é infinito. Assim, pois, evite pensar que é suficiente o que você fez no começo*” (31822)

E tanto os noviços quanto os professores devem meter na cabeça que tudo isso não é um dom deles para Deus, nem um simples cumprimento de um preciso dever, mas sim uma verdadeira graça que Deus lhes concede. “*Cresça o quanto você pode, porque você é cada vez mais devedor!*” *Jamais algum Noviço e também nós, irmãos, pense ter feito muito, mesmo tendo as coisas que foram citadas acima em grau*

de ardente desejo: porque, quanto mais pagamos, tanto mais ficamos devedores de coisas maiores ainda” (31245). Não obstante a coisa seja de fácil intuição, é melhor completá-la com a palavra de Frei Battista de Crema, o grande educador de almas que inseriu e cultivou em Zaccaria o que ele agora pede a seus filhos: “Quanto mais o homem age virtuosamente mais recebe de Deus maiores dons e graças e recebendo-as sempre se faz maior devedor. Assim, agindo com fervor, recebe nova graça, sem a qual não conseguiria agir, de modo que, agindo bem, cresce a dívida” (Fra Battista Carioni da Crema, Sprecchio interiore, p. 52v.)

Que, nossa Congregação possa, de fato, viver esmagada pelo peso desta transfigurante humilhação: ter uma dívida impagável com Deus e vê-la aumentar sempre mais!

CONCLUSÃO

Em um distante dia de janeiro de 1531, o Santo Fundador assim incitava seus primeiros companheiros: *“Coragem, irmãos! Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos”* (10216). Seis anos depois, tendo em vista o primeiro núcleo de suas famílias religiosas, podia pregar assim: *“Graças sem fim sejam dadas ao meu Senhor, por filhas tão generosas que Ele me deu”* (10504) Hoje, junto ao trono de Deus, o Santo Fundador continua a rezar para que a vida de seus filhos, assemelhando-se ao frescor, à juventude, à inesgotável generosidade de uma nascente alpina, *“que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor”* (10504).

E com isso concluimos.

“Irmãos, temos procurado levar ao seu conhecimento essas poucas coisas. Se vocês as souberem observar e cumprir com as mãos, esperamos que os conduzam à perfeição, ensinando-lhes, acima de tudo, a fugir da tibieza, para louvor e honra de Jesus Cristo, que morreu na terra e reina vivo no céu. Amém.” (31829).

“Não se deixem levar pela tibieza, mas cresçam sempre!
O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês,
a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal
ou, usando o termo mais adequado,
vocês se tornarão, muito mais,
uns fariseus do que cristãos e espirituais”

Santo Antonio Maria Zaccaria - Carta 11 (11101)